

A ANGÚSTIA SILENCIAL DE ABRAÃO EM *TEMOR E TREMOR*

CLAUDINEI REIS PEREIRA

Mestrando em Ética e Epistemologia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI)

claudnei_2012@hotmail.com

RESUMO: Este artigo analisa a ética em Søren Kierkegaard ou mais especificamente para além da ética: sobre a relação dialética entre fé e razão e a angústia silencial de Abraão em *Temor e tremor* [*Frygt og Baeven*], obra publicada em 1843. Esta análise, por sua vez, não parte de uma simples exposição da relação entre fé e razão, mas busca “demonstrar” a insuficiência da razão em sua tentativa de compreensão da totalidade das questões cruciais da existência (sentido da vida, angústia, amor, morte, entre outras). Para tanto, Johannes de Silentio [Kierkegaard] utilizando-se da narrativa bíblica de *Gênesis 22, 1-19*, em que se narra o episódio do pedido de Deus a Abraão para sacrificar seu único filho, Isaac, uma criança prometida e que chega a Abraão quando este já havia alcançado idade propecta, um filho que Abraão muito amava. A fé em Johannes de Silentio [Kierkegaard] como categoria existencial, torna-se o elemento fundamental para a autocompreensão da razão.

Palavras-chave: Silêncio. Paradoxo. Razão. Fé.

ABSTRACT: This article analyzes the ethics Søren Kierkegaard or more specifically beyond ethics: on the dialectical relationship between faith and reason and silencial distress of Abraham in *Fear and Trembling* [*Frygt og Baeven*] work published in 1843. This analysis in turn, not part of a simple exposition of the relationship between faith and reason, but seek to "demonstrate" the failure of reason in his attempt to understand the totality of crucias questions of existence (meaning of life, grief, love, death, etc.). Therefore, Johannes Silentio [Kierkegaard] using the biblical narrative of *Genesis 22: 1-19*, in which narrates the episode of the request for God to Abraham to sacrifice his only son, Isaac, a child of promise and reaches Abraham when he had reached old age, a son Abraham dearly loved. Faith in Johannes Silentio [Kierkegaard] as an existential category, becomes the key element in the self of reason.

Keywords: Silence. Paradox. Reason. Faith.

1. INTRODUÇÃO

A tentativa para uma definição da existência humana sempre foi uma questão problemática para a filosofia e para as diversas ciências como um todo. Podemos destacar que do início da vida biológica, de sua formação de um grau evolutivo de complexidade de agregação de elementos químicos nos trouxe uma possível definição orgânica do indivíduo. Por outro lado, tendo como base a filosofia clássica e, aqui ressaltada pelo filósofo espanhol Vicente Fatone em sua obra *Introducción al existencialismo* de 1973, a pergunta clássica por excelência “*o que é ser?*” não se perdeu com o advento da modernidade, mas se confirma a partir de uma nova perspectiva questionadora: “*o que é a existência?*”. Dito de outro modo, “não” se pergunta mais o que é ser, ou mesmo qual seria o fundamento da realidade, mas sim quais os caminhos e quais as razões pelas quais tal *ser* se direcionou, ou busca se direcionar diante da realidade. Como se não bastasse, a pergunta não é mais sobre o fundamento, ou a saída da ontologia à epistemologia, mas sobre a radicalidade da existência humana, ou seja, o que define o *ser* enquanto *ser*.

Nesse sentido, mesmo diante da evolução e projeto da modernidade e diante de sua ilusão, como bem destacado por Nietzsche (para o qual a ciência moderna tinha como proposta o conhecimento prático, exato e justificável tendo em vista chegar à realização humana), contudo, mesmo assim, historicamente percebemos que tal projeto não foi suficiente para apaziguar os dramas humanos, mas estabeleceu ainda mais a incompreensão humana. Se quiséssemos ser ainda mais radicais, parafrasearíamos Freud a partir de sua obra *O mal-estar na civilização* (1930-1936) na qual o mesmo afirma não existir futuro sem uma gama de ilusão ou mais radicalmente falando: a ideia de felicidade não estava no plano da salvação.

O futuro da prosperidade guiado pela ideia de cientificação (também combatida por Edmund Husserl em seus textos *A ingenuidade da ciência e a Crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*) do mundo, do progresso, do agenciamento, paradoxalmente se transformou em ilusão, ou mais radicalmente falando: no esvaziamento do mundo da vida (*Lebenswelt*), para usar uma expressão husserliana. A escuridão dos mil anos caracterizada e destacada pelos iluministas em referência ao período medieval e sua substituição pelo nascimento da modernidade (início do século XIV), a evolução das ciências naturais, da matemática, da física, e das ciências biológicas, não nos tornaram mais “felizes” como talvez pensasse a “segura”

matemática de Descartes, o positivismo lógico de Comte ou a busca da compreensão humana a partir da precedência lógica da existência como pretendia Hegel.

Por essa razão, surgem pensadores contrários a essa visão da existência pautada apenas no desenvolvimento científico e analítico-lógico de mundo, sustentado por uma razão instrumental. Entre tantos pensadores que se encaixariam nesta discussão, buscamos neste artigo dar ênfase ao filósofo dinamarquês Søren A. Kierkegaard que debateu profundamente sobre a existência humana fazendo suas críticas a toda estrutura puramente objetiva (exe.: sistema hegeliano) que tem como foco a visão da existência verticalmente pautada na razão, isto é, na precedência lógica da existência. Assim, este trabalho busca apresentar uma crítica ao reducionismo racional da existência a partir do olhar kierkegaardiano tendo como base a obra *Temor e tremor*.

2. O CAMINHO E A DOR DA DECISÃO: ABRAÃO RUMO À “MISÉRIA” DO SEU DESTINO

“Ele segue firmemente seu caminho, em uma relação secreta com o absoluto - vive na solidão da decisão, na angústia de sua liberdade e na miséria do seu destino”

(FEIJOO et al, 2013, p. 98).

Segundo a tradição judaica, Abraão é considerado o pai da fé, o escolhido por Deus sem mesmo ainda saber que seria o pai da fé, contudo, testado por Aquele que lhe dera essa condição naquilo que se tornaria uma das mais conhecidas das narrativas bíblicas. Como bem se percebe em *Temor e tremor*, Kierkegaard antes mesmo de elucidar o drama de *Gênesis 22, 1-19*, apresenta a atmosfera ou estado ao qual se encontrava Abraão. Trata-se da passagem na qual é narrado o pedido de Deus a Abraão para sacrificar seu único filho, Isaac, uma criança prometida e que chega a Abraão quando já havia alcançado idade propecta, um filho que muito amaria.

Abraão trazia a ambiguidade em sua natureza: por um lado, era um homem comum, como todos os homens, mas por outro lado, afastava-se do geral, tornando-se um dos mais conhecidos personagens bíblicos. *Tornou-se o pai da fé*. Afirmou Johannes de Silentio [Kierkegaard]: “Parecia-lhe ser destino mais belo a posteridade vir a chamar-lhe “pai da fé”, e considerava-se digno de inveja, ainda quando ninguém de tal coisa suspeitasse” (KIERKEGAARD, 1979, 113).

Kierkegaard nos explica a diferença existente entre o *herói trágico* e o *cavaleiro da fé*, ambas as características são importantes para compreensão de *Temor e tremor*. O herói trágico traz como característica o reconhecimento de si, a vaidade, o orgulho advindo do ato realizado. Já o cavaleiro da fé é o personagem do não reconhecimento, ou melhor, o seu conhecimento encontra-se em não ser reconhecimento, isto é, encontra-se no seu silêncio.

Abraão não é o personagem posteriormente descrito por Kierkegaard como o herói trágico, mas sim o cavaleiro da fé. Ele abraçou a fé por ter se lançado no “lar” da incompreensibilidade do absurdo. Por certo, Abraão não se tornou grande por se mostrar forte, mas se tornou forte ao se mostrar frágil. Isso fica claro na perspectiva de Gouvêa:

Que Kierkegaard queria desde o início falar sobre a fé de Abraão como um paradigma da fé cristã é indicado pelo comentário de Johannes de que Abraão era ‘grande por aquele pode cuja força é a fraqueza, grande pela sabedoria cujo segredo é loucura, grande pela esperança cuja forma é demência, grande pelo amor que é ódio a si mesmo. Kierkegaard define a fé como este poder, esta sabedoria, esta esperança, este amor. Fé é auto-abnegação, é loucura, é demência e fraqueza (GOUVÊA, 2009, p. 168).

Uns podem tornar-se grandes pelo que fazem; outros pelo que dizem ou pelo que afirmam, contudo, Abraão se tornara grande não por aquilo que podia dizer, mas sim pelo que não podia fazer, ou seja, necessitou do silêncio da solidão, mesmo a caminho da terra de Moriá com Isaac e os servos ao seu lado. Ademais, tornou-se grande pelo amor por aquilo que amava, isto é, seu amor por Deus. Ele se tornou grande não por esperar o possível, mas por esperar o impossível. Tornou-se grande devido à grandeza do seu silêncio.

Posto diante do dilema do sacrifício, Abraão percebe-se mergulhado no paradoxo de sua própria existência, a saber: como, atingida a velhice e na convivência de seu único filho Isaac, Abraão poderia oferecer a Deus aquilo que para si era o mais precioso? Percebe-se que a própria proposta textual descrita por Kierkegaard pelo pseudônimo *Johannes de Silentio* é intencional. Parece que diante do dilema descrito em *Gênesis 22, 1-19* de um pai (Abraão) que se vê aflito diante da possibilidade de sacrificar seu único filho, a quem tanto amava, a única resposta seria a obediência à ordem divina, por meio do caminho paradoxal, mais seguro: *o silêncio e a esperança*. Contudo, há de se observar atentamente a descrição do fato ao qual permanece a

promessa: “Permaneçei aqui com o jumento. Eu e o menino iremos até lá, adoraremos e *voltaremos* a vós” (Cf. *Gên.22, 5*, grifo nosso). Essa descrição é fundamental para entendermos o paradoxo da fé e razão existente no pensamento de Kierkegaard. Jonas Roos afirma:

Ponto-chave para análise é que Abraão, quando, depois de três dias de viagem, avista o monte do sacrifício, afirma aos seus servos: esperai aqui, com o jumento; eu e o rapaz iremos até lá e, havendo adorado, voltaremos a vós. Este plural, ‘voltaremos’, é decisivo na narrativa, pois indica que Abraão tinha esperança de retornar com Isaac. **Trata-se da esperança que se articula não na certeza objetiva, mas na certeza de uma aposta existencial** (ROOS, 2013, p. 2, grifos nosso).

Por outro lado, Marcio Gimenes de Paula expõe que o dilema que sondava o coração de Abraão era paradoxal: “[...] se ele obedecer à ordem divina acaba com sua descendência visto que Isaac era seu único filho e ele já era velho, mas se desobedecer à ordem divina, não será mais digno de ser pai de uma nação, ou seja, ele se tornaria um traidor” (PAULA, 2009, p. 36).

Retomemos a descrição desse marcante episódio como interpretado por *Johannes de Silentio* [Kierkegaard] em *Temor e tremor*. Três dias são percorridos até a chegada ao local da promessa. Abraão encontrava-se movido, psicológica e sensivelmente em sua interioridade, por três elementos que fundamentam a filosofia kierkegaardiana, a saber: o silêncio¹, a angústia² e a fé³. Três elementos que

¹ O lugar do silêncio tem valor singular dentro da singularidade do indivíduo em Kierkegaard. O silêncio da solidão do indivíduo torna-o singular não se confundindo com a multidão. Em [...] Para além da Palavra e do silêncio, ponto 11. do texto *Palavra e Silêncio*, Gouvêa afirma que “[...] A palavra não pode comunicar nada sem o silêncio, e este último só pode ser discernido em oposição à palavra. Ademais, [...] O silenciar da filosofia traz ao pensamento humano novos significados que não podem ser mediados pelo ‘universal’. Cf. GOUVÊA, Ricardo Quadros. **Palavra e silêncio: kierkegaard e a relação dialética entre a razão e a fé**. Fonte Editorial, 2009, p. 251-271.

² Nas palavras de *Virgilius Haufniensis*, pseudônimo usado por Kierkegaard em sua obra *O conceito de angústia* de 1844 “A angústia é a realidade da liberdade como possibilidade antes da possibilidade”. Cf. **O conceito de angústia**. (Trad. Álvaro Luiz Montenegro Valls). 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. (Coleção pensamento humano), p. 45.

³ Na definição de Gouvêa, “fé em *Temor e tremor*, é antes e acima de tudo uma ‘paixão’ (*lidenskab*)”. [...] No corpus kierkegaardiano, paixão é sempre e indelevelmente conectado ao sofrimento, sacrifício, prova espiritual (*Anføgtelse*), e martírio. [...] Entretanto, tanto Paixão (*lidenskab*) quanto *pathos* implicam, para Kierkegaard, que se sofre e ao mesmo tempo se agarra àquilo que se causa o sofrimento. Cf. GOUVÊA, Ricardo Quadros. **Palavra e silêncio: Kierkegaard e a relação dialética entre a razão e a fé**. Fonte Editorial, 2009, p. 281.

caracterizam fortemente sua filosofia. Nessa situação, Abraão não poderia contar com nenhum elemento humano para auxiliá-lo, e muito menos com a objetividade da razão. Ou seja, “O cavaleiro da fé encontrava-se solitário, pois sua saga não faz sentido para outros homens” (FEIJOO, 2013, p. 97). Até a chegada ao local indicado, à montanha de Moriá, para “entender, é preciso muito temor e tremor, o silêncio da solidão, e muito tempo” (KIERKEGAARD, 2002, p. 26).

Em *Temor e tremor Johannes de Silentio* [Kierkegaard] questionou-se: quantos de nós não ficamos perturbados diante da descrição do holocausto e sem resposta diante do fato de Abraão estar na iminência de sacrificar seu único filho? Após três dias percorridos, erguem-se os olhos de Abraão e de uma longitude que agora se faz presente, o *cavaleiro da fé* avista a montanha de Moriá.

A partir do olhar ético, poderíamos imaginar que o elemento da dúvida diante de tal fato perpassava também o pensamento de Abraão, contudo, o salto qualitativo, isto é, o salto da fé suspendia a desconfiança de seu coração. Afirmou *Johannes de Silentio* [Kierkegaard]: “[...] Abraão acreditou sem jamais duvidar. Acreditou no absurdo” (KIERKEGAARD, 1979, p.120). Isso se reafirma, ecoando as palavras do apóstolo Paulo, nas palavras de Almeida e Valls: “A fé não é uma certeza, é um acreditar no que não se vê” (ALMEIDA E VALLS, 2007, p. 56). Por essa razão, acreditar no inacreditável para Kierkegaard significa lançar-se no mais puro absurdo, pois é próprio da fé lançar-se no absurdo. A fé é o próprio absurdo. Como já afirmara *Johannes Clímacus* [Kierkegaard] na obra *Migalhas filosóficas* de 1846, anterior portanto ao texto de *Temor e tremor*, “[...] o maior paradoxo do pensamento é querer descobrir algo que ele próprio não possa pensar” (KIERKEGAARD, 2011, p. 59).

Abraão não tem como entender a totalidade da promessa de Deus, até porque ela se mostra obscura, mas ele pode confiar, ter a esperança que, de algum modo, terá Isaac de volta. A este tipo de atitude, nas categorias kierkegaardianas do pensamento, é chamado de resignação⁴. Como destaca Jonas Roos, trata-se “[...] do abandono da realidade finita e temporal, e de retomada da finitude temporalidade [...] de modo que não é entendida como negação do finito e temporal, mas sua ressignificação” (ROOS, 2013, p. 1).

⁴ Para Kierkegaard Abraão “resignou-se infinitamente a tudo para tudo recuperar pelo absurdo”. Cf. KIERKEGAARD, Sören A. **Temor e Tremor**. Trad.: (Carlos Grifo, Maria José Marinho e Adolfo Casais Monteiro). São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os Pensadores), p. 132.

Essa “clareza” de Abraão não ocorreu fora da existência, mas na fusão da temporalidade e da eternidade, do finito ao infinito que acontece não no âmbito do eterno, mas na própria existência histórica. Nos conceitos kierkegaardianos, dá-se no *instante* histórico da existência.

Talvez a dificuldade interpretativa encontrada em um autor da magnitude de Kierkegaard advenha de uma proposta diferente de filosofar, como defendem Miranda e Valls:

Kierkegaard inaugura a pós-filosofia, ao introduzir a descontinuidade, a angústia, o nada, o paradoxo, o salto, o drama existencial que se apresenta no vazio, na superficialidade, na inautenticidade diante da existência. Perguntar se é possível filosofar após Kierkegaard: 1) a inconclusividade rompe com a linearidade do pensamento filosófico, introduzindo categorias existenciais como desespero, angústia, indivíduo singular, nostalgia, demoníaco, fé, salto, seriedade, verdade subjetividade, abnegação, paradoxo, Incondicionado; 2) o uso da pseudonímia na construção dos estádios existenciais estéticos, ético e ético-religioso. De fato, a obra de Kierkegaard constitui ‘abertura inédita e original de distintas possibilidades de exercer a tarefa de ser homem’; 3) *a filosofia de Kierkegaard ‘é a oposição e a crítica mais radical às filosofias do Sistema, isto é, a redução ou dissolução da individualidade no Universal da Totalidade do Sistema’* (ALMEIDA E VALLS, 2007, p. 61, grifo nosso⁵).

Mantendo estas observações como horizonte, podemos dar continuidade à proposta de leitura de *Temor e tremor*, destacando que o que sondava o corpo, o pensamento e o coração de Abraão, o seu silêncio traduzia-se na fé que ele tinha em Deus. Tratava-se da antecipação da realização efetiva da promessa do absurdo sendo concretizada na interioridade da singularidade⁶ de Abraão. Somente ao passar por essa experiência, Abraão tornar-se-ia o pai de uma grande nação⁷, de um grande povo.

⁵ Todas essas caracterizações, descrições e considerações feitas por Jorge Miranda e Alvaro Valls, corroboradas pela leitura de outros intérpretes da filosofia kierkegaardiana com os quais procuramos dialogar, como Jonas Roos, Ricardo Gouvêa, Marcio Gimenes e Myriam Moreira Protasio, constituem, no nosso entender, uma complementação fundamental para a compreensão do autor dinamarquês.

⁶ Para Feijoo et al, ao se perguntar: “o que é o singular?”. Para Kierkegaard, é aquilo que não encontra suporte nem no estético nem no ético. É viver dentro do paradoxo”. Cf. FEIJOO. Ana Maria Lopez Calvo de. et al. **O pensamento de Kierkegaard e a clínica psicológica**. Rio de Janeiro: IFEN, 2013, p. 98.

⁷ “Juro por mim mesmo, palavra de Iahweh: porque me fizeste isso, porque não me recusaste teu filho, teu único, eu te darei uma posteridade tão numerosa quanto as estrelas do céu e quanto a areia que está na praia do mar, e tua posteridade conquistará a porta de

Abraão tornara-se o *cavaleiro da fé*. Para Kierkegaard, Abraão se tornou o pai da fé pelo fato de se afastar da universalidade da atitude ética a partir do momento em que subverte eminentemente a esfera singular, ou seja, na sua relação existencial do paradoxo da fé. Abraão torna-se indivíduo. Afirmou *Johannes de Silentio* [Kierkegaard]:

O paradoxo da fé consiste, portanto em que o Indivíduo é superior ao geral, de maneira que, para recordar uma distinção dogmática hoje já raramente usada, o Indivíduo determina a sua relação com o geral tomando como referência o absoluto, e não a relação ao absoluto em referência ao geral. [...] O herói trágico renuncia a si mesmo para exprimir o geral; o cavaleiro da fé renuncia ao geral para se converter em Indivíduo (KIERKEGAARD, 1979, p. 151-155).

A leitura de *Temor e tremor* provoca aos seus leitores um “passeio” pela imaginação, porém, mais que isso: fazer-nos perceber a insuficiência da razão diante da existência humana. Esta obra que curiosamente, como defende Gouvêa, “[...] já foi lida e interpretada por cento e sessenta anos. Dizem que a ‘mais estudada das obras de Kierkegaard’. De fato, eu acredito que nenhum outro livro de Kierkegaard define e exemplifica tão claramente o método, o estilo e as ideias do autor” (GOUVÊA, 2009, p. 23). Suas críticas confrontam a presunção do pensamento racionalista advindo do início da Modernidade e que assumiu seu apogeu no idealismo alemão, tendo Hegel como principal figura emblemática. Contudo, há de se observar algo que no pensamento crítico kierkegaardiano muitas vezes é mal interpretado, tornando a interpretação confusa; como nos alerta Gouvêa, *Temor e tremor*:

É uma apologia da racionalidade disfarçada de irracionalismo. A racionalidade que Kierkegaard defende é um logos fortalecido pela sua humilhação e exaltado pela sua reapropriação por meio de uma dialética com o insondável, o insólito, o intangível, o indizível, em suma, uma dialética da palavra e do silêncio (GOUVÊA, 2009, p. 51).

Em Kierkegaard encontramos o valor específico para o campo do subjetivo, mas isso não significa que ele quer destruir a objetividade, mas adverte que, na medida em que tornamos absoluta a ideia da razão, nos vemos perdidos e sem respostas

seus inimigos. Por tua posteridade serão abençoadas todas as nações da terra, porque tu me obedeceste”. Cf. *Gênesis*, 22, 15-18.

diante de sua insuficiência às questões cruciais da existência humana. Por isso destacou *Johannes Climacus* [Kierkegaard] no *Pós-escrito às migalhas filosóficas Vol I*:

O caminho da reflexão objetiva agora leva ao pensamento abstrato, à matemática, ao conhecimento histórico de várias espécies, sempre distanciando-se do sujeito, cuja existência ou não existência se torna, com toda razão do ponto de vista objetivo, infinitamente indiferente, com toda razão, pois como diz Hamlet, existência e não existência possuem apenas significações subjetivas. Em seu máximo caminho levará a uma contradição e, no caso do sujeito não se tornar inteiramente indiferente a si mesmo [...]. A reflexão subjetiva volta-se para dentro, em direção à subjetividade, e que, nessa interiorização, ser a [reflexão] da verdade, e assim, tal como no que vivemos antes, *quando a objetividade avançava, a subjetividade desaparecia*, agora a própria subjetividade torna-se o verdadeiro, e o que é objetivo, o evanescente (KIERKEGAARD, 2013, p. 204-207, grifo nosso).

Para Kierkegaard, o subjetivo se perde quando nos perdemos na objetividade da existência. Ademais, perder-se no objetivo pode ser entendido como perder-se diante de si mesmo. Kierkegaard em sua *nota 1* sobre a dedicatória ao indivíduo na obra *Ponto de vista explicativo*, na qual o autor afirma que a multidão é a mentira, e que “[...] todo homem, sem exceção, o pode e deve ser, deve pôr a sua honra em ser um Indivíduo, e nisso encontrará verdadeiramente a sua felicidade” (KIERKEGAARD, 2002, p. 124). Como se não bastasse, ainda explicou o dinamarquês: “A multidão é a mentira, e é uma mentira querer agir pela multidão, pelo número, e querer fazer do número a instância da verdade” (KIERKEGAARD, 2002, p. 134).

Desse modo, a esfera do singular não pode ser suprimida pela esfera do geral. E isto se torna bastante evidente na utilização que Kierkegaard faz da figura do patriarca hebreu. Foi pelo fato de se tornar singular que Abraão se tornou singular dentro da história do pensamento humano, mais especificamente no universo cristão. “Gerações sem número souberam de cor, palavra por palavra, a história de Abraão; mas quantos tiveram insônia por sua causa?” (KIERKEGAARD, 1979, p.123).

Para o pensamento kierkegaardiano, uma das saídas para a superação do esvaziamento do subjetivo e para a superação da racionalidade seria dada pelo *salto qualitativo* do ético para o religioso. A saber, para Kierkegaard, o *estádio ético*⁸ é

⁸ Existem três estádios da existência segundo Kierkegaard, a saber: o *estádio estético*, o *estádio ético* e o *estádio religioso*. Não vamos nos voltar a explicá-los extensivamente neste momento, uma vez que o

momento da obrigatoriedade, na manutenção da ordem moral. Gouvêa afirma que “o ético identifica a felicidade humana com a realização de uma tarefa obrigatória, tão essencialmente relacionada à personalidade a ponto de ser imanente dentro dela, sendo nada mais nada menos que a realização do seu verdadeiro e dado *eu*” (GOUVÊA, 2006, p. 260, grifo do autor).

Por outro lado, o *estádio religioso* é o encontro da temporalidade com a eternidade. É a dimensão restituente da subjetividade. Nele, o sujeito afasta-se de si para retornar a si. Assim, é o momento em que razão e fé encontram-se (*instante*), contudo, a razão se reconhece enquanto limitada dando possibilidade para o crescimento espiritual do sujeito. Afirma Gouvêa: “razão e fé não podem ser aliadas em igualdade de condições, pois **são paixões contrárias**, sendo a razão a autoafirmação da personalidade, enquanto a *fé* é uma *nova paixão* que abraça a reintegração da personalidade como presente divino, e torna tudo novo” (GOUVÊA, 2006, p. 268, grifo nosso). Reafirmando de igual modo, *Johannes de Silentio* [Kierkegaard] dizia que “a fé é um milagre; no entanto ninguém dela está excluído; porque é na paixão que toda a vida humana encontra a sua unidade” (KIERKEGAARD, 1979, p. 149).

A proposta a partir de se repensar o lugar do silêncio de Abraão significa afirmar que, para Kierkegaard, a restituição da racionalidade não vem da exterioridade, mas parte da interioridade do sujeito, do silêncio da solidão. Pois, “[...] o paradoxo da fé consiste em que há uma interioridade incomensurável em relação à exterioridade, e esta interioridade, importa notá-la, não é idêntica à precedente, mas uma nova interioridade” (KIERKEGAARD, 1979, p. 151).

Portanto, se em Abraão encontramos um silêncio que fala ao indivíduo, de modo contrário, a euforia do mundo contemporâneo, a sua agitabilidade representa no fundo a necessidade de uma autorreflexão. Lançar-se diante do absurdo não se trata de uma ideia religiosa necessariamente, é mais que isso. Trata-se do reconhecimento da própria insuficiência pela busca pelas questões cruciais da existência, que foge

que nos interessa neste momento é mostrar que, para Kierkegaard, segundo seus comentadores mais relevantes, entre eles Alvaro Valls, não existe um aspecto hierárquico entre esses estádios, ou seja, não existe uma passagem de “escala ascendente” do estético ao ético, do ético para o religioso, como muitas vezes é interpretado. Por essa razão, a tradução mais segura seria *estádios da existência*, que lembra estádio tradicionalmente de futebol, em que os jogadores estão em um certo sentido em um mesmo nível de circularização. Não é *estágio* ou *estações* (como certa vez traduziu o professor Ricardo Quadros Gouvêa) da vida. Este primeiro caso, lembra-nos uma passagem necessária; na segunda, que lembra-nos estações urbanas, em que os indivíduos esperam também, necessárias para uma próxima estação e para o local de destino.

necessariamente da ordem da racionalidade e do puramente objetivo. Não temos como afirmar que a fé nos dará todas as respostas, contudo, ela pelo menos nos dá uma certeza: a de que somos limitados frente à totalidade da existência humana. Ela não nos afirma o que é o ser humano, mas nos esclarece enquanto ao ser de processo, de devir, de caminhada, de peregrinação rumo à nossa própria existência, assim como foi na existência de Abraão: “*E Deus pôs Abraão à prova e disse-lhe: toma o teu filho, o teu único filho, aqueles que amas, Isaac: vai com ele ao país de Morija e, ali, oferece-o em holocausto sobre uma das montanhas que te indicarei*” (KIERKEGAARD, 1979, p. 113, grifos do autor).

3. CONCLUSÃO

Este artigo teve como proposta realizar uma breve análise da obra *Temor e tremor* de 1843 do autor dinamarquês Søren A. Kierkegaard. Buscamos neste trabalho destacar a importância do pensamento do autor dinamarquês, além disso, frisar a questão da angústia silencial de Abraão no conjunto da obra diante da relação dialética entre fé e razão.

Como se sabe, Kierkegaard trabalha nesta obra a narrativa bíblica de *Gênesis 22, 1-19*, em que se narra o episódio do sacrifício de Isaac, isto é, Deus segundo a narrativa pede a Abraão que sacrifique o seu único filho, seu filho amado. Neste percurso a fé de Abraão é testada de acordo com a vontade de Deus. Kierkegaard por ser um autor literário, além de filósofo, utiliza-se de um pseudônimo chamado Johannes de Silentio e não faz por acaso. Tal nome remete em sua natureza e significado à própria trajetória de Abraão, isto é, foram três dias até o local do sacrifício. E mesmo diante do absurdo de Deus ao pedir a Abraão que sacrifique seu único filho, tendo já conquistado a velhice e sendo o filho da promessa, ele, por sua vez, permanece em silêncio.

Ao lermos essa narrativa, devemos ter a atenção que uma coisa é o pensamento de Kierkegaard, outra coisa é o que pensa seu pseudônimo. Eis um ponto fundamental para interpretação da obra.

Nesta, a proposta kierkegaardiana é demonstrar ao leitor os limites da razão, isto é, para compreender o episódio da narrativa bíblica de Abraão faz-se necessário abandonar o princípio da moralidade e da ética, para que assim o indivíduo possa alcançar o princípio religioso por via da fé. Não temos como entender o drama

angustiante do hebreu se não tivermos, primeiro, a capacidade de suspender a ética para alcançar o estádio religioso. Ademais, Abraão só fora considerado o pai da fé graças à categoria da resignação, ou seja, abrir mão de sua segurança e comprometimento moral e resignar-se infinitamente para retomar Isaac novamente em vida pela fé.

Sabe-se que de acordo com essa interpretação nem Abraão nem Isaac são mais os mesmos, pois ambos fizeram a experiência existencial da espiritualidade, ou seja, a experiência com Deus. Confiaram, sem duvidar, em Deus. Abraão confiou no Absurdo. Como o texto mesmo nos afirma fé é lançar-se diante do absurdo. Todavia, esta dádiva não fora alcançada de modo simples, pois Abraão teve que lidar com o drama da angústia, do silêncio de Deus diante de suas promessas. Nesse sentido, a única certeza que Abraão tinha era o caminho indicado, Jeruel, na terra de Moriá. Além do mais, Abraão só se dirigira para sua experiência mais dramática de sua existência: um lugar indefinido, escuro, para a impressão de um vazio da caminhada. Não obstante, a viagem que marcara três dias é um silencioso andar através do indeterminado e do provisório, diante de uma contenção de fôlego. Como analisa Erich Auerbach em sua crítica literária *Mimesis* a partir da análise representativa da realidade ocidental: de onde vem, não o sabemos, mas a meta é indicada, o desafio é posto e o local é precisamente indicado, Jeruel, na terra de Moriá.

REFERÊNCIAS

Obras de Søren. A. Kierkegaard

KIERKEGAARD, Søren Aabye. **O conceito de angústia**: uma simples reflexão psicológica-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário de Vigilius Haufniensis. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. **Migalhas filosóficas**: ou um bocadinho de filosofia de João Clímacus. 3 ed. Vozes, 2011.

_____. **Ponto de vista explicativo da minha obra de escritor**. (Trad. João Gama). Lisboa: Edições 70, 2002.

_____. **Pós-escrito às migalhas filosóficas.** Petrópolis: Vozes, 2013. [Vol. I].

_____. **Temor e tremor.** São Paulo: Abril Cultura, 1979.

_____. **Desespero humano.** São Paulo: Abril Cultura, 1979.

Obras consultadas

ALMEIDA, Jorge de; VALLS, Alvaro L.M. **Kierkegaard.** Rio de Janeiro: Zahar, 2007. (Filosofia-Passo-a-Passo 78).

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2006.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo de. *et al.* **O pensamento de Kierkegaard e a clínica psicológica.** Rio de Janeiro: IFEN, 2013.

GOUVÊA, Ricardo Quadros. **Paixão pelo paradoxo: uma introdução a Kierkegaard.** São Paulo: Fonte Editorial, 2006.

_____. **Palavra e silêncio: Kierkegaard e a relação dialética entre a razão e a fé.** São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

ROOS, Jonas. **Tornar-se cristão, o núcleo do pensamento de Kierkegaard.** Entrevista especial com Jonas Roos. Disponível em:

<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/520059-tornar-se-cristao-o-nucleo-do-pensamento-de-kierkegaard-entrevista-especial-com-jonas-roos>. Acesso em: 26 de Dezembro de 2015.